

# Cachoeiro perde os velhos casarões

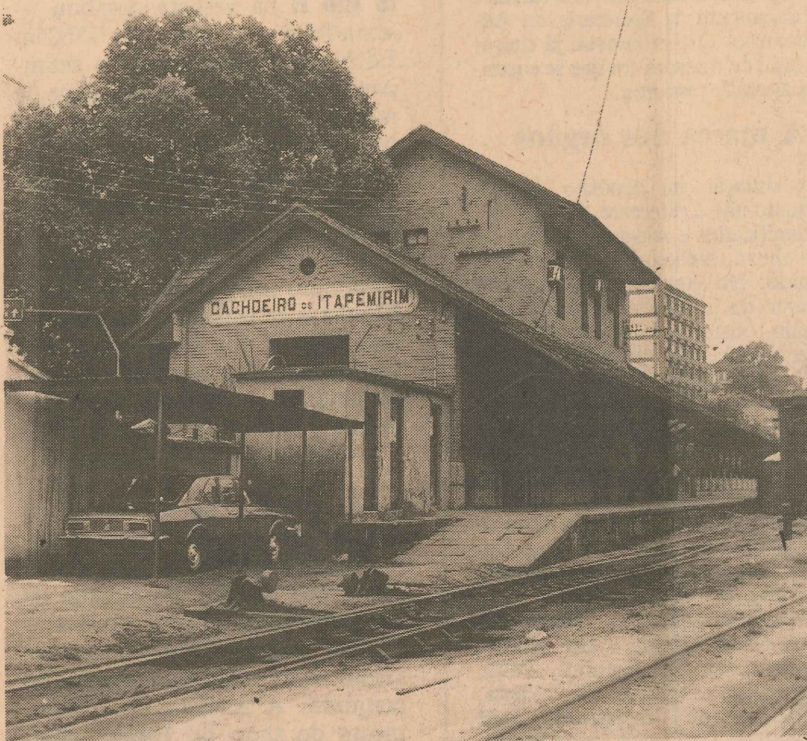
AJO 7936

Rosângela Venturi

Cachoeiro (Sucursal) — Qualquer observador menos desatento percebe hoje em Cachoeiro de Itapemirim uma ausência cada vez mais acentuada dos antigos casarões que até há alguns anos estavam espalhados na área central da cidade, alguns marcadamente influenciados pela arquitetura rural do século passado e outros em estilo eclético, com fortes traços neoclássicos. O centro vem adquirindo, nos últimos anos, ares de “cidade grande”, com a presença cada vez mais frequente de edifícios, em média, com dez pavimentos, dotados de requintada estrutura.

Em que pese a necessidade de construção de novas residências, consequência do crescimento industrial e populacional, os principais referenciais históricos, arquitetônicos e culturais permanecem sem nenhuma garantia legal de preservação, correndo o risco de serem derrubados, como a Casa da Memória, construída em 1986, cujo estado de conservação há muito vem exigindo uma atenção

Fotos de Rossini Amaral



De estilo inglês, a estação de Cachoeiro mantém a fachada original

(10)

A Casa da Memória, entretanto, é a construção — uma das mais antigas e situadas em área nobre na rua 25 de Março ao lado da loja maçônica — que está sob maior risco. O próprio prefeito Theodorico de Assis Ferraço, recentemente, cogitou a possibilidade de derrubá-la diante de seu estado. Abrigando, desde o início da atual administração, a Secretaria de Planejamento, o prédio apresenta sérios problemas, segundo o prefeito, entre os quais infiltrações, apodrecimento do teto e assoalho. Em função do estado da Casa da Memória, a Secretaria de Planejamento deverá ser transferida para outro local”.

O secretário municipal de Cultura, Esportes e Turismo, Clóvis de Barros, garantiu que o prédio será reformado, embora não tenha precisado a data para o início das obras. Em relação aos demais prédios antigos da cidade, disse que “o assunto será discutido posteriormente pelo Conselho Municipal de Cultura”, ainda a ser formado e também sem previsão de quando deverá iniciar as suas atividades. Admitindo preocupação com a preservação desses referenciais históricos da



maior das autoridades.

Muitos desses prédios têm sofrido reformas ao longo dos anos que acabaram por descaracterizá-los quase que por completo. Já outros, embora mantenham as características primitivas, carecem de minucioso trabalho de restauração, como alguns casarões particulares da rua 25 de março e das proximidades do Colégio Liceu Muniz Freire. Na lista dos mais conservados, destacam-se a Casa dos Braga e o Colégio Bernardino Monteiro, reformados recentemente.

Para o arquiteto Paulo Mendes Glória, a preservação de alguns prédios antigos da cidade deve ser motivo de preocupação tanto por parte das autoridades, quanto de alguns setores da sociedade. Na sua opinião, o caminho para forçar uma ação efetiva na esfera oficial é a conscientização da comunidade sobre a importância cultural e histórica dessas construções.

Segundo Mendes, ao contrário do que se difunde, a arquitetura de Cachoeiro de Itapemirim tem como característica um estilo eclético. “Por desinformação, às vezes afirma-se que predomina o estilo colonial”, salientou, acrescentando que algumas construções mais antigas receberam uma forte influência rural. Como exemplos, citou a Casa dos Braga e a Casa da Memória, um dos mais antigos e de maior valor arquitetônico.

Em relação aos mecanismos de preservação, Mendes observou que o tombamento, no caso dos imóveis particulares, esbarra na perda do direito de posse. No caso dos imóveis públicos, considerou que a concepção de reforma nem sempre prioriza o as-

pecto histórico e cultural, atendendo-se mais frequentemente à questão funcional. “Já o proprietário particular teme que seu imóvel seja tombado porque isso vai implicar a perda do seu direito de posse”, disse.

## Péssima qualidade

Entre os prédios de maior valor arquitetônico, Mendes citou o Bernardino Monteiro, construído em 1913. Salientou, entretanto, que a reforma do colégio localizado no coração da cidade, no centro da Praça Jerônimo Monteiro, não valorizou a presença de elementos decorativos da edificação. “A madeira usada nas esquadrias é de péssima qualidade e a concepção de preservação adotada é a mesma que caracterizou a reforma do Matadouro Municipal, outro importante referencial arquitetônico, transformado também em um caixote branco, cujos elementos decorativos foram ignorados”, analisou.

Mendes, que foi pesquisador do CNPq no Rio de Janeiro sobre arquitetura religiosa dos séculos XVI ao XVIII no Espírito Santo, citou ainda a Igreja Nosso Senhor dos Passos, mais conhecida como Matriz Velha, como um exemplo raro de arquitetura utilizando madeira. Alertou, contudo, que as reformas no prédio poderão cair no mesmo erro das efetuadas na Catedral de São Pedro, hoje cercada por vários adendos e distante de suas características iniciais.

Outra construção de grande valor histórico para a região é a da Estação Ferroviária da Leopoldina, de 1910, “exemplo de arquitetura inglesa e que

ainda preserva as telhas originais francesas, de Marselha”, observou. O arquiteto lamentou a descaracterização do Hotel da Estação, construído em 1890, que deu lugar a uma nova construção distante das características iniciais. Segundo ele, “nem tudo o que é velho deve ser preservado”, já que o determinante é o valor histórico e cultural”.

## Projeção internacional

Outras edificações consideradas de relevância arquitetônica são o Centro Operário, de 1907, localizado em frente à Casa dos Braga e ao lado do Córrego Amarelinho, o Colégio Liceu Muniz Freire, construído em 1916, que abrigou várias gerações e por onde passaram figuras expoentes da política e das artes, algumas até com projeção internacional, e o prédio que até recentemente abrigava a Secretaria Municipal de Educação, mais recente, de influência “art décor”.

Sem qualquer respaldo legal que garanta a sua preservação, há ainda o prédio da primeira estação hidrelétrica da cidade, na Ilha da Luz, de 1913; a loja maçônica onde funciona a Escola de 2º Grau Guimarães Rosa de 1898; alguns casarões da avenida Pinheiro Júnior; a rua 25 de Março, além do polêmico prédio da Tecisa, antiga fábrica de tecidos desta cidade, de 1912, onde chegou-se a cogitar a instalação de um centro cultural, antiga reivindicação da classe artística local. O Caçadores Carnavalescos Clube também figura na lista dos mais antigos, de 1900, também com as características alteradas.

ção desses referências históricas da cidade, Clóvis de Barros cogitou, inclusive, a possibilidade da criação de algum tipo de incentivo para que os proprietários particulares conservem melhor e preservem os seus imóveis, embora também nesse sentido nada haja ainda definido.

Sobre a descaracterização de algumas edificações e a construção de modernos edifícios na área central, Clóvis de Barros disse que “infelizmente, toda cidade que experimenta um crescimento perde por esse lado. É muito difícil controlar”, frisou. Falou ainda que pretende, junto à comunidade, desenvolver um trabalho no sentido de valorização dos prédios históricos.

O secretário admitiu ainda que a imagem urbana de Cachoeiro de Itapemirim deixa a desejar, com construções inacabadas e malconservadas. “Tem que melhorar. A cidade está precisando e para isso vamos contar com a população”, prometeu. Para o artista plástico, Nelson Luiz Napolitano, contudo, toda discussão envolvendo a preservação ou modificação na área central da cidade passa necessariamente pela valorização visual do rio Itapemirim.

“Todos os pontos históricos de referência estão margeando o Itapemirim”, revelou. “É preciso preservar a faixa do rio”, defendeu. Disse ainda que a alternativa para garantir a preservação desses prédios” é colocar a questão em debate”. Um caminho, conforme apontou, seria a utilização de alguns desses imóveis para finalidade culturais, citando o exemplo da Tecisa, hoje praticamente ociosa, mas que abrigaria um projeto cultural.



O Colégio Guimarães Rosa, construído em 1898, é um belo casarão



A Casa da Memória, casarão dos mais antigos, precisa de reformas